
**COMPILAÇÃO E DIGITALIZAÇÃO DE EXPRESSÕES REGIONAIS EM UM
DICIONÁRIO ON-LINE: UM ESTUDO NO ÂMBITO SOCIOLINGUÍSTICO E
DIALETOLÓGICO**

Livinny Maria Araújo Souza¹
Sofia Emily Moura Macedo²
Rômulo Silvestre Quaresma Mendes³

Resumo: Este trabalho é resultado de uma pesquisa em desenvolvimento sobre o vocabulário falado na microrregião de Picos, no interior do Piauí. Objetiva-se, portanto, a criação de um dicionário on-line na plataforma Padlet como instrumento de preservação e propagação do inventário linguístico desta localidade, explicitando, também, a relação entre língua e sociedade. O referencial teórico adotado fundamenta-se nos estudos da Sociolinguística Variacional (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008; Etto e Carlos, 2018), da Dialectologia (Coseriu, 1981; Câmara Jr., 2004; Cardoso, 2010; Soares, 2019), bem como da Lexicologia e Lexicografia (Casares, 1992; Coseriu, 1981; Câmara Jr., 2004; Borba, 2005; Cardoso, 2010; Soares, 2019), que orientam a análise e a organização dos dados lexicais. O vocabulário identificado por meio de entrevistas segue o rigor metodológico de Coseriu (1979), sendo organizado em campos semânticos, com os itens lexicais dispostos em verbetes em ordem alfabética, acompanhados de sua definição, classificação gramatical e ocorrência, a ser publicado na plataforma Padlet. Até o momento, já foram identificados 70 itens lexicais, como *bença* (saudação), *manuê* (bolo de milho) e *pingo do mei-dia* (calor intenso ao meio-dia), evidenciando a riqueza lexical da região e a importância desse trabalho para a valorização das identidades culturais locais.

Palavras-chave: Variação geográfica. Regionalismo. Léxico.

**COMPILATION AND DIGITALIZATION OF REGIONAL EXPRESSIONS IN AN
ONLINE DICTIONARY: A STUDY IN THE SCOPE OF SOCIOLINGUISTICS AND
DIALECTOLOGY**

Abstract: This work is the result of an ongoing research project focusing on the spoken vocabulary of the Picos microregion, in the state of Piauí, Brazil. Its main objective is to create an online dictionary on the Padlet platform, serving as a tool for the preservation and dissemination of the linguistic inventory of this locality, while also highlighting the relationship between language and society. The theoretical framework is based on studies in Variationist Sociolinguistics (Weinreich, Labov, & Herzog, 2006; Labov, 2008; Etto & Carlos, 2018), Dialectology (Casares, 1992; Coseriu, 1981; Câmara Jr., 2004; Borba, 2005; Cardoso, 2010; Soares, 2019), and Lexicology and Lexicography (Delmond & Isquerdo, 2022; Soares & Costa, 2019; Costa, 2019), which guide the analysis and organization of the lexical data. The vocabulary identified through interviews follows the methodological rigor

¹ Discente do Ensino Médio integrado ao Técnico em Eletrotécnica do Instituto Federal do Piauí (*Campus Picos*). E-mail: capic.2023118iselt0023@aluno.ifpi.edu.br.

² Discente do Ensino Médio integrado ao Técnico em Eletrotécnica do Instituto Federal do Piauí (*Campus Picos*). E-mail: capic.2023118isinf0004@aluno.ifpi.edu.br.

³ Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Piauí. Professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Piauí (*Campus Picos*). E-mail: romulo.mendes@ifpi.edu.br.

proposed by Coseriu (1979) and is organized into semantic fields, with lexical items listed alphabetically and accompanied by definitions, grammatical classifications, and occurrences, to be published on the Padlet platform. So far, 70 lexical items have been identified, such as *bença* (“blessing”), *manuê* (“corn cake”), and *pingo do mei-dia* (“intense midday heat”), evidencing the lexical richness of the region and the importance of this work for valuing local cultural identities.

Keywords: Geographical variation. Regionalism. Lexicon.

INTRODUÇÃO

A linguagem, enquanto atividade discursiva e cognitiva, assim como a língua, compreendida como um sistema simbólico compartilhado por uma comunidade linguística, constituem elementos fundamentais para a participação social e cultural dos indivíduos. Por meio da linguagem, as pessoas se comunicam, acessam informações, expressam e compartilham visões de mundo, contribuindo para a construção de identidades e culturas. É também através da linguagem que se estabelecem relações interpessoais e se influenciam percepções e representações da realidade e da sociedade.

Na dimensão oral, a língua manifesta-se em diferentes ‘modos de falar’ ou dialetos, que se configuram como traços distintivos da identidade linguística de grupos sociais e regiões. Nesse contexto, o presente trabalho, resultante do projeto de pesquisa desenvolvido no Instituto Federal do Piauí (Campus Picos) com estudantes do Ensino Médio, intitulado *Mapeamento Linguístico: o Padlet como dicionário on-line para propagar os falares de Picos e regiões próximas*, tem como objetivo levantar, organizar e sistematizar o léxico do português falado na microrregião de Picos. Por meio da criação de um dicionário on-line na plataforma Padlet, busca-se não apenas documentar essas marcas linguísticas regionais, mas também destacar a identidade cultural e social dos falantes, ressaltando a inter-relação entre língua e comunidade.”

A escolha do Padlet como suporte para o dicionário on-line, apesar de inovadora, de fácil acesso e gratuita, levanta discussões sobre os padrões de documentação e preservação linguística em meio digital. Para Hillmann (2006), a documentação linguística deve priorizar a coleta de dados multimodais, sejam eles áudio, vídeo e transcrição, acompanhados de metadados padronizados que garantam a reusabilidade científica e preservação a longo prazo. Seguindo essa perspectiva, Austin (2010) defende que projetos digitais de documentação linguística devem atender aos princípios de acessibilidade, interoperabilidade e engajamento

com a comunidade, além de prever ferramentas para busca e análise estruturada. Nesse sentido, o Padlet cumpre o papel de ferramenta de documentação e divulgação linguística, oferecendo funcionalidades que permitem a visualização, a organização e a atualização dos dados de forma colaborativa, favorecendo o registro e a valorização do léxico local.

Como Literatura, recorreremos ao arcabouço teórico da Sociolinguística Variacional (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008; Etto; Carlos, 2018); da Dialetoлогия (Coseriu, 1982; Câmara Jr., 2004; Cardoso 2010; Soares, 2019) e da elaboração lexicográfica (Delmond; Isquierdo, 2022; Soares; Costa, 2019; Costa, 2019). Por fim, consideramos que as marcas linguísticas encontradas até então são tomadas como características do falar das localidades de procedência, compondo, então, as suas identidades linguísticas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA E A DIALETOLOGIA

Todo estudo que se destina a analisar a influência do social na língua deve recorrer, de início, aos estudos de Saussure (2021) e sua teoria estruturalista. Em suas pesquisas, o linguista suíço constata que a língua deve ser estudada nela e por ela mesma, lançando à luz uma definição de língua enquanto sistema em que cada unidade linguística, o signo, é solidária entre si, mas que também é pertencente a um grupo que, de maneira individual, faz uso da fala para interagir entre si. Entretanto, por questões metodológicas, é tomada como objeto de estudo a língua nela mesma, abrindo mão da fala e outras variáveis, como por exemplo, o contexto sócio-histórico-cultural, que influenciam a língua e, conseqüentemente, sua evolução, a partir das experiências dos falantes que por sua vez estão inseridos em grupo social que por sua vez se encontra em uma zona geográfica em um dado período de tempo.

A partir desta consideração, nos anos 60 do século XX, estudos que buscam compreender a relação entre língua e sociedade são trilhados no âmbito da Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Naquele decênio, William Labov (2008) cunhou o termo Sociolinguística como área dos estudos linguísticos que se objetiva a estudar a língua falada a partir do contexto social no seio de uma comunidade linguística que, segundo o autor, é entendida como um conjunto de indivíduos que, além de interagirem verbalmente, compartilham um conjunto de normas relativas aos usos.

Desta forma, contrariando a visão saussuriana da homogeneidade da língua, a

Sociolinguística concebe a língua como heterogênea, cuja variação é explicada por meio de uma abordagem metodológica em que o pesquisador registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares. Etto e Carlos (2018), apoiados em Weinreich, Labov e Herzog (2006), discutem que a variação linguística está relacionada a fatores sociais, sugerindo que um fator ou grupo de fatores seja responsável por determinada variação, o que leva a Sociolinguística a ser conhecida também como Teoria da Variação, graças ao pioneiro estudo de Labov em 1962 com os habitantes da ilha de *Martha's Vineyard*.

Ao analisar a variação linguística deste local por meio das variáveis etnia, sexo, ocupação, idade com a pronúncia de certos fonemas do inglês usado pelos participantes do estudo, Labov (2008) constatou que o uso dos ditongos *au* e *ay* marcavam a identificação destas pessoas como nativas do local, em oposição às marcas linguísticas usadas pelos turistas que visitavam a ilha, consideradas forma padrão. Logo, a fala tomada como estigmatizada e, portanto, única, deu espaço para a construção de uma identidade social, já que os habitantes se consideravam como descendentes dos *Yankees* que iniciaram a colonização da ilha no século XVII.

Os estudos de Labov no âmbito da Sociolinguística nos levam na direção de que a língua, segundo ele, não é propriedade do indivíduo, mas sim da comunidade, já que “fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala” (Labov, 2008, p. 259). Isto aponta claramente a relação entre o social e a língua, mais especificamente a fala, excluída anteriormente por Saussure. Logo, percebe-se que a língua não implica somente na interação social com vistas à comunicação, mas também como símbolo de pertencimento e identidade.

Tomando esta concepção, a língua também é manifestação de valores socioculturais a partir de experiências particulares em diversos âmbitos da linguagem, em especial ao da fala. É por meio da fala que se situa a atividade linguística de pensar, sentir, perceber, dentre outros processos cognitivos. Não somente isso, a atividade linguística atinge outros patamares pois, por se tratar de uma experiência individual, ela existe e reside nas relações interpessoais cotidianas por meio do compartilhamento de saberes comuns à comunidade que da língua faz uso. Soares (2019), quanto a isto, percebe a dimensão sociocultural da atividade linguística, , como uma dimensão sócio-histórica, em que as línguas se situam no tempo e no espaço geográfico. Construídos a partir das relações entre os falantes da língua em sociedade.

A Sociolinguística é, portanto, o domínio da Linguística que se ocupa da relação entre língua e social na perspectiva da variação baseado no princípio pautado pela heterogeneidade

linguística que se estende também aos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico da língua (Labov, 2008, p. 184). No plano lexical da língua, encontram-se os processos de nomeação da realidade obtidos por meio de referências, constituindo, ao final, o conjunto de vocábulos ou de termos de uma língua, conforme nos diz Dubois *et al.* (1998).

Segundo o autor, o léxico encontra-se em constante renovação graças às necessidades de nomeação do mundo, motivadas tanto pela realidade como pela mentalidade social. Desta forma, novas palavras surgem em um grupo social como deixam de existir motivadas pelas suas experiências e necessidades. Soares (2019), complementando Dubois *et al.* (1998), afirma que por meio do léxico que conhecemos aspectos diversos de sua vida, história, cultura, corroborando para sua identidade geográfica e social. É graças aos grupos sociais que as mudanças linguísticas acontecem e sua diversidade é fator para a uniformidade linguística. Tomando o léxico como referência, é difícil encontrar, num vasto território, grupos sociais fazendo referência a um elemento da realidade pelo mesmo nome. Esta diferença linguística é tomada pelos estudiosos como dialetos ou falares regionais e sociais.

A Dialectologia, enquanto área da Linguística, estuda os dialetos de uma língua dentro de um extenso espaço geográfico. Nessa direção, Cardoso (2010, p. 15) argumenta que a ela é “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”, oferecendo, enfim, subsídios para o entendimento das variações linguísticas entre diferentes regiões ao longo do tempo. Quanto a “dialeto”, a definição proposta por Câmara Jr. (2004) é a de que são falares regionais que apresentam traços linguísticos fundamentais, acrescentando a eles valores extralinguísticos de ordem psíquica, social ou política. Em um sentido mais amplo, Coseriu (1981), complementando Câmara Jr. (2004), sugere que os dialetos:

sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, consideram-se subordinados a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior.

Conforme tais definições, os dialetos estão inseridos dentro de um sistema linguístico

dito maior, porém limitados por questões sociais e geográficas, a ponto de ter características próprias que os diferenciam uns dos outros, manifestando-se nos traços fonéticos e léxico-semânticos.

A Sociolinguística e a Dialectologia, ainda que tradicionalmente tratadas como campos distintos, apresentam pontos de convergência fundamentais para a compreensão das variações linguísticas em contextos geográficos e sociais específicos. Enquanto a Sociolinguística focaliza a heterogeneidade linguística a partir de variáveis sociais como idade, gênero e ocupação, a Dialectologia estuda as variações regionais de uma língua, considerando a distribuição espacial dos falares. No entanto, Chambers e Trudgill (1998) destacam que essas áreas são, na prática, interdependentes, pois toda variação linguística geográfica carrega marcas sociais e toda variação social encontra reflexo nas dinâmicas territoriais. Essa perspectiva amplia a compreensão dos falares regionais, mostrando que não se trata apenas de diferenças geográficas, mas também de escolhas identitárias e contextos socioculturais compartilhados.

No contexto desta pesquisa, essa articulação entre Dialectologia e Sociolinguística revela-se essencial para a análise do léxico da microrregião de Picos, pois permite compreender as expressões regionais não apenas como variantes geográficas isoladas, mas como reflexos de práticas sociais, crenças e modos de vida dos falantes. Ainda com os autores, essa abordagem integrada evidencia como as fronteiras dialetais são moldadas por fatores como migração, urbanização e contato linguístico, situando o léxico regional em um fluxo dinâmico que transcende as classificações tradicionais. Assim, ao adotar esse modelo de análise, buscamos não apenas descrever a variação lexical, mas também interpretá-la à luz dos processos históricos e sociais que a constituem.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ELABORAÇÃO LEXICOGRÁFICA

A Lexicologia e a Lexicografia constituem áreas fundamentais para a compreensão e a sistematização dos vocábulos que integram uma determinada comunidade linguística. Enquanto a Lexicologia, conforme Casares (1992, p. 11) estuda o léxico como um conjunto dinâmico e estruturado de significados, a Lexicografia se ocupa da elaboração de dicionários e glossários, envolvendo questões metodológicas como a definição de verbetes, a escolha de exemplos de uso e a representação de variações regionais e sociais. Levando em conta que o

foco do nosso trabalho é a construção de um dicionário digital, recorre-se à esta última, que, de acordo com Borba (2005, p. 15), estabelece-se em dois vieses distintos:

- I. Técnica de montagem de dicionários, ocupando-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definidores, estrutura de verbetes, critérios para remissões e registro de variantes;
- II. Numa visão mais teórica, consiste de estabelecer um conjunto de princípios que permitem descrever o léxico – total ou parcial – de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes.

Para a organização de um trabalho lexicográfico, como um dicionário, é preciso compreender suas macroestrutura e microestrutura. De acordo com Porto Dapena (2002, p. 135), a macroestrutura diz respeito a todas as entradas de um dicionário, dispostas de acordo com um critério de ordenação, ao passo que a microestrutura concerne todas as informações dos termos. Segundo Delmond e Isquero (2022), a análise da macroestrutura e da microestrutura de dicionários especializados deve considerar as relações semânticas e contextuais dos vocábulos, assim como as formas de organização e de acesso aos dados, assegurando que esses instrumentos sirvam não apenas para consulta, mas também para o fortalecimento das identidades linguísticas locais.

No âmbito da pesquisa de variedades regionais, a Lexicografia adquire uma dimensão de documentação cultural e social, como ressaltam Soares e Costa (2019) em seu estudo sobre o vocabulário do escritor João Brasil. Nele, os autores demonstram que, ao registrar e descrever expressões marcadas por vivências locais, a Lexicografia contribui para a preservação da memória coletiva e para o reconhecimento da diversidade linguística como um patrimônio cultural. Essa abordagem reforça o caráter dinâmico e multifacetado do léxico, que não se limita a aspectos formais, mas reflete modos de vida, práticas culturais e processos identitários.

Complementarmente, Costa (2019) discute a importância de um tratamento lexicográfico atento às particularidades geolinguísticas, destacando a necessidade de respeitar as diferenças de uso e de significados que emergem em cada região. Seu trabalho sobre o Vocabulário dialetal do Centro-Oeste brasileiro ilustra como a Lexicografia pode integrar os

dados geolinguísticos e socioculturais, construindo dicionários que não apenas listem palavras, mas que também ofereçam uma leitura crítica e contextualizada dos modos de falar locais. Essa perspectiva dialetal e lexicográfica orienta o presente trabalho, que, ao elaborar um dicionário on-line com expressões regionais da microrregião de Picos, busca valorizar e preservar a identidade linguística e cultural dessa comunidade.

PICOS: A URBE EM CRESCIMENTO NO SEMIÁRIDO PIAUIENSE

Situada a 310 km de distância da capital do Piauí, Teresina, a cidade de Picos se destaca no centro-sul do Estado entre cadeias montanhosas que lhe conferem o nome citadino. Ademais, desponta como polo financeiro-educacional-cultural das 20 cidades que compõem a Microrregião de Picos, sendo elas o próprio distrito-sede, Picos, Oeiras, Dom Expedito Lopes, Ipiranga do Piauí, Colônia do Piauí, Sussuapara, São José do Piauí, Geminiano, Santa Cruz do Piauí, Santa Rosa do Piauí, São João da Varjota, Santana do Piauí, São João da Canabrava, Bocaina, Wall Ferraz, Paquetá, Cajazeiras do Piauí, Tanque do Piauí, São Luís do Piauí e Aroeiras do Taim. Essa microrregião totaliza um total de 208.504 habitantes, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), em uma área de 577.304 km².

Destaca-se sua região por ser o segundo entroncamento rodoviário do Nordeste, conectando o Piauí com o Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia por meio das rodovias federais BR-316 e 407, favorecendo o desenvolvimento do comércio local e promovendo, também, o intercâmbio comercial com diversas cidades e Estados, o que leva Picos a ter o terceiro Produto Interno Bruto (PIB) do Estado do Piauí, atrás de Parnaíba e Teresina, respectivamente. Graças a isso, o período entre 1970 e 1980 é caracterizado como o de expansão econômica e comercial para a cidade, uma vez que investimentos públicos, por parte do Governo Federal, e privados, como a instalação da Indústria Coelho, geraram aproximadamente 730 empregos, conforme explicita Gonçalves de Souza (2021).

A Capital do Mel, como também é conhecida, encontra neste alimento como uma de suas principais atividades econômicas, com uma apicultura fortemente desenvolvida que coloca a cidade entre as maiores produtoras do país, atendendo tanto o mercado interno quanto o externo, com destinos que incluem Europa e Estados Unidos. Ademais, o agronegócio se destaca com a produção de frutas, como o caju, e a criação de gado, consolidando enfim a urbe como um centro de distribuição de produtos agrícolas para

diversas partes do estado do Piauí e do país.

Na contemporaneidade, Picos vivencia um acelerado processo de urbanização e expansão imobiliária, com novos empreendimentos comerciais e residenciais surgindo em diferentes áreas, como resultado da expansão do setor da construção civil, impulsionado pelo aumento de renda e crescimento populacional, o que acaba por atrair investidores. Outrossim, a cidade aparece no cenário econômico pelo setor de prestação de serviços, além do comércio, como saúde – com uma larga rede hospitalar – e educação – contando com um *campus* da Universidade Federal do Piauí, um do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, um da Universidade Estadual do Piauí e faculdades particulares, conferindo à urbe um status de cidade universitária –, conferindo à urbe a alcunha de “cidade-modelo”. Logo, os municípios vizinhos, em especial aqueles que formam a microrregião de Picos, acabam se beneficiando, uma vez que suas populações têm ali suas necessidades supridas, conforme explicita Luz (2014):

Esses municípios vizinhos possuem várias carências que são supridas por seus moradores na cidade de Picos. A população desses municípios interligados se tornou ponto forte do comércio de Picos, pois passou a ser cidade referência em aspectos sociais e econômicos. Estes migrantes temporários se dirigem a Picos diariamente para buscar serviços de saúde, de educação, para a compra de vários produtos, como os do gênero alimentício e de confecção, além de outras atividades (Luz, 2014, p. 20).

Por conta deste fluxo migratório, os falares que acompanham essas pessoas são heterogêneos, o que favorece um cenário linguístico extremamente rico. Desta forma, o léxico, como dito anteriormente, é elemento-chave por externar a experiência individual desses falares. Assim, dada a ausência de um documento que vise o levantamento do léxico de Picos e sua microrregião, toda essa riqueza linguística permanece ainda desconhecida.

PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, descrevemos o percurso metodológico que orienta esta pesquisa, que se caracteriza como um estudo de natureza qualitativa. O enfoque qualitativo foi escolhido por permitir uma compreensão mais aprofundada das especificidades socioculturais que moldam o repertório linguístico da microrregião de Picos, buscando captar as nuances e particularidades das expressões regionais sem a intenção de generalizar os resultados para

toda a população.

As entrevistas foram realizadas até então com 20 informantes, divididos igualmente por gênero (10 homens e 10 mulheres). Para contemplar a dimensão geracional, esses participantes foram distribuídos em três faixas etárias: I – 15 a 30 anos, II – 31 a 50 anos, e III – 51 a 80 anos, garantindo assim uma amostra representativa das possíveis variações linguísticas e socioculturais. Os entrevistados eram naturais e residentes de municípios que compõem a microrregião de Picos, como Padre Marcos, Dom Expedito Lopes, Sussuapara, Itainópolis, Santana do Piauí e Pio IX, sendo uma dos critérios para a participação das entrevistas não terem se ausentado de um dos municípios por 05 anos. Essa diversidade geográfica foi fundamental para assegurar a abrangência e a riqueza dos dados coletados, respeitando as singularidades de cada localidade.

O perfil dos participantes incluiu também informações sobre escolaridade e ocupação, coletadas no início das entrevistas por meio de um questionário sociodemográfico. Essa etapa visou estabelecer relações entre fatores sociais e as variações no uso das expressões regionais, permitindo uma análise mais completa e contextualizada. Como principal instrumento de coleta de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas, que proporcionaram flexibilidade para que os entrevistados respondessem de forma aberta e espontânea, ao mesmo tempo em que mantínhamos o foco nos tópicos essenciais para a pesquisa. O questionário aplicado foi dividido em quatro campos semânticos: Alimentos, Saudações e despedidas, Clima e meio ambiente, e Expressões coloquiais. A escolha desses campos semânticos partiu da influência metodológica do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (Cardoso *et al.*, 2014), que serviu de inspiração tanto para a organização das perguntas quanto para a abordagem temática.

Além das perguntas diretas, foram utilizadas imagens de referência, como a de um bolo de milho ou de paisagens locais, para estimular a memória lexical dos entrevistados e favorecer respostas contextualizadas.

Tabela 1 – Questionário Aplicado

Expressões regionais para alimentos
Em sua localidade, existem termos ou expressões usados para se referir a pratos tradicionais ou ingredientes típicos?
Saudações e despedidas locais
Além das saudações comuns, há alguma forma única de cumprimentar ou se despedir aqui em Picos ou na sua cidade?
Expressões relacionadas ao clima e ao meio ambiente:
Como as pessoas descrevem o clima ou eventos naturais de forma típica aqui? Existem expressões específicas para descrever condições climáticas particulares?

Expressões coloquiais:

Quais são algumas expressões mais informais que as pessoas costumam usar durante conversas casuais?

Há alguma expressão coloquial única que reflete o espírito da comunidade em Picos?

Fonte: Dos autores.

Os dados, no momento das entrevistas, foram registrados por gravadores de voz de smartphones que, em seguida, foram armazenados em nuvem via Google Drive para enfim, serem transcritos. É importante destacar que aos participantes lhes foram apresentados o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, aos menores de idade, para que tivessem ciência tanto do estudo em desenvolvimento quanto de sua participação.

Inicialmente, foram identificados 70 itens lexicais (em revisão) distribuídos nos campos semânticos supracitados. A organização do vocabulário seguirá sua definição, conforme orientação de Coseriu (1979), em verbetes em ordem alfabética, conforme seu campo semântico, com suas informações gramaticais, definições e remissões e locais de ocorrência para que, enfim, seja construído o dicionário na plataforma *on-line Padlet*.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Já foram levantados, até então, 70 itens lexicais distribuídos em quatro campos semânticos, selecionados manualmente. Essa opção metodológica permitiu uma abordagem sensível ao contexto e às variações socioculturais dos falares locais. Embora reconheçamos as vantagens de ferramentas automatizadas de análise linguística, entendemos que a organização manual favoreceu a identificação de sutilezas e de relações entre forma e uso que, muitas vezes, escapam a análises mecânicas.

A título de exemplo, apresentamos alguns desses itens a seguir:

Tabela 1 – Exemplos de itens lexicais identificados.

Alimentos	Definição	Ocorrência
Bofe (s. m)	Prato preparado a partir de pulmão bovino.	Santana do Piauí.
Dida (s. f)	Variedade de sorvete preparado em sacos plásticos.	Itainópolis, Picos, Santana do Piauí.
Mangai (s. m)	Pratos elaborados que não têm como base arroz e feijão	Padre Marcos

Manuê (s. m)	Tipo de bolo cujo ingrediente principal é o milho.	Itainópolis
Rosca (s. f)	Tipo de bolo cujo ingrediente principal é a goma (polvilho doce).	Dom Expedito, Padre Marcos, Picos.
Saudações e despedidas	Definição	Ocorrência
Bença (s. f)	Saudação de cumprimento, encontro e despedida.	Itainópolis, Padre Marcos, Picos, Pio IX, Santana do Piauí, Sussuapara.
Oba (int.)	Saudação de cumprimento, encontro.	Padre Marcos.
Vou chegando (int.)	Exprime a intenção de despedida.	Picos.
Clima e Meio Ambiente	Definição	Ocorrência
A chuva vai derrubar o mundo (s.f)	Expressão que detona chuva de grande intensidade.	Picos.
Bonito pra chover (int.)	Expressão que detona céu nublado, indício de chuva forte.	Itainópolis, Picos.
Calor da miséria (s.m)	Expressão utilizada para se referir a intenso calor.	Picos
Pingo do mei-dia (s. m)	Expressão que denota aumento de temperatura especialmente durante ou após o meio-dia	Picos, Santana do Piauí.
Expressões coloquiais	Definição	Ocorrência
Amarelo(a) de fome (loc. adj.)	Expressão utilizada por alguém para indicar muita fome.	Picos
Arre diacho (int.)	Expressão que denota espanto, exagero, surpresa.	Santana do Piauí.
Baixa da égua (s. f)	Expressão utilizada para referir a um lugar distante, no caso, fazendas em regiões baixas onde pastavam equinos.	Picos, Santana do Piauí
De nós (genitivo)	Expressão utilizada para indicar posse.	Picos, Pio IX.
Oxe (int.)	Expressão utilizada para denotar espanto, estranheza.	Padre Marcos, Picos, Pio IX, Santana do Piauí.
Volti (int.)	Expressão utilizada para denotar espanto, estranheza.	Padre Marcos, Picos.

Fonte: Dos autores.

Os itens identificados refletem não apenas especificidades culturais e sociais da microrregião de Picos, mas também evidenciam as influências sociolinguísticas e dialetológicas que moldam a fala dos habitantes. Um dos aspectos mais marcantes observados foi a variação lexical em diferentes grupos etários e sociais, por exemplo, no campo de saudações, houve predileção pelos termos *oba* e *vou chegando* entre os entrevistados com 51 anos de idade ou mais, em oposição a termos, como *olá* e *tchau* usado por pessoas abaixo

daquela faixa de idade, que adotam um vocabulário menos regional e mais padronizado, porém mantidas pelas gerações mais antigas. Outro termo que é um marcador social é *bença*, variação de *benção*, em todas as idades, o que reforça não somente laços familiares e comunitários, mas também revela uma prática linguística fortemente influenciada pela religiosidade, evidenciando uma manutenção de aspectos culturais nas regiões em que o termo foi identificado.

A expressão *baixa da égua*, tomada pelos habitantes como um lugar bastante distante, encontra outra conotação se comparada a certas regiões do país. O termo, por exemplo, em Teresina, capital do Piauí, possui a mesma carga semântica negativa que expressões como *ao raio que te parta*, mais formal. Quanto ao clima, expressões como *está bonito para chover e calor da miséria* demonstram adaptabilidade notável às características geográficas da microrregião, carregando conotações culturais e sociais que diferenciam a experiência climática das demais regiões do país. Tais expressões revelam também a percepção que as pessoas têm sobre eventos climáticos e meteorológico moldadas pelas próprias vivências cotidianas.

Estes resultados sugerem que o vocabulário da microrregião de Picos não é apenas um reflexo da interação entre fatores socioculturais e dialetológicos, mas também um indicador de identidades locais em constante negociação e adaptação. A criação do dicionário *on-line* no Padlet surge, portanto, como uma iniciativa não apenas de preservação linguística, mas também de valorização da cultura local. Este dicionário permitirá que tanto estudiosos quanto membros da comunidade tenham acesso a um recurso que documenta e celebra a riqueza linguística da região.

O impacto educacional do produto final também não pode ser subestimado. Ele servirá como uma ferramenta poderosa para o ensino da língua e da cultura locais, permitindo que as futuras gerações mantenham uma conexão viva com suas raízes linguísticas. Além disso, a plataforma digital facilitará a atualização contínua do conteúdo, garantindo que o dicionário permaneça relevante à medida que novas palavras e expressões surgem ou caem em desuso. Desta forma, o estudo contribui não apenas para o conhecimento acadêmico, mas também para o fortalecimento da identidade cultural da microrregião de Picos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, propusemo-nos a apresentar, como produto de uma pesquisa em andamento, um recorte de termos que comporão um dicionário *on-line* na plataforma Padlet, contendo expressões e vocábulos característicos da fala dos habitantes da microrregião de Picos, no interior do Piauí. Nossa intenção foi destacar a expressividade de tais termos como reflexo de traços linguísticos específicos dessa localidade, além de explorar a relação direta entre esses termos e o cotidiano dos habitantes. Embora esta pesquisa se concentre em expressões e vocábulos que compõem o léxico regional, reconhecemos que a análise ainda não abordou em profundidade a distinção entre unidades linguísticas (palavras isoladas) e unidades sintagmáticas (expressões fixas ou coligadas). Essa diferenciação, embora relevante em estudos lexicográficos mais avançados, será considerada em futuros desdobramentos do projeto, visando oferecer um retrato ainda mais preciso das relações entre léxico e práticas comunicativas na microrregião de Picos.

A nível linguístico, este estudo nos leva a conhecer não só o repertório linguístico pautado em expressões e palavras locais, mas uma imersão na variedade linguística do português falado em uma parcela significativa do território piauiense. As palavras aqui levantadas oferecem uma janela para perceber a íntima relação existente entre língua e sociedade numa perspectiva diatópica por meio de expressões e termos próprios que são moldados pela realidade dos falantes e que servem como um elo entre o idioma e o mundo que os cerca. Como discutimos anteriormente, a língua, em sua essência, é uma poderosa ferramenta que carrega consigo não apenas palavras e gramáticas, mas valores, tradições e a própria história de um povo, refletindo as nuances de sua estrutura social, hierarquias, relações de poder e a identidade de uma comunidade. Assim, o estudo de uma linguagem regional como a da microrregião de Picos contribui significativamente para a compreensão das nuances que compõem o mosaico da diversidade linguística brasileira.

Ademais, com a construção do dicionário em uma plataforma *on-line* e gratuita e de fácil acesso, o *Padlet*, será possível preservar a identidade linguística da microrregião de Picos, favorecendo, a longo prazo, o sentimento de pertencimento dos falantes que lá residem por conta do reconhecimento de suas expressões e termos, pois ao verem suas expressões reconhecidas e registradas, os falantes passam a valorizar sua própria forma de comunicação, promovendo o reconhecimento de sua cultura linguística como algo digno de preservação e

estudo. Esse reconhecimento não apenas contribui para o fortalecimento da identidade cultural da região, mas também alimenta uma valorização externa, permitindo que estudiosos de outras localidades e do campo da linguística possam acessar e analisar tais particularidades.

Além disso, um material dessa natureza é de suma importância para os estudos linguísticos, pois colabora para a documentação e preservação das variantes regionais da língua portuguesa, algo que muitas vezes se perde com passar do tempo devido à globalização e à padronização linguística. Ao disponibilizar um recurso assim, criamos oportunidades para futuras pesquisas que podem analisar as transformações da linguagem, as influências externas sobre o léxico regional e as dinâmicas sociais que levam à criação de novos termos. O dicionário torna-se, assim, uma ferramenta viva de investigação linguística servindo como ponto de partida para novos estudos e possibilitando uma compreensão mais profunda da riqueza e diversidade do português falado no Brasil.

Por fim, este dicionário se constitui como um patrimônio cultural vivo e em constante evolução, que não apenas preserva o passado, mas também acompanha as mudanças linguísticas e sociais do presente e futuro da microrregião de Picos.

Referências

- BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S.A. M.A et al. **Atlas linguístico do Brasil**. v.1. Londrina: UEL, 2014.
- CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- _____. COSERIU, Eugenio. *Principios de Semántica Estructural*. Madrid: Gredos, 1981. Tradução de M. M. Hernandez.

COSTA, D. de S. S. (2019). Tratamento lexicográfico de dados geolinguísticos: discussões a partir da elaboração do Vocabulário dialetal do Centro-Oeste. **A Cor Das Letras**, v. 20, 127–142, 2019.

DELMOND, Thierry; ISQUERDO, Aparecida Negri. Planilha de análise da macro e da microestrutura de dicionários especializados: uma proposta. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., e2106, p. 17-36, 2022.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Lingüística**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Mosaico**, v. 16, n. 1, p. 719-737, 2018.

GONÇALVES DE SOUSA, Nayara. Na flânerie pela cidade os cheiros nos consomem: memórias olfativas em torno da cidade de Picos-PI nas décadas de 1980 e 1990. **FDC**, v. 7, 139-159, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico: 2021**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/panorama>. Acesso em: 15 ago. 2024.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUZ, Rômulo Ivo Araújo. **Cidade e cultura: práticas cotidianas do bairro ipueiras em Picos-PI (1960-2009)**. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2014.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. Manual de técnica lexicográfica. Madrid: Arco/Libros, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

SOARES, E. P. M. Memória, Identidade e cultura no vocabulário do escritor João Brasil. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 63, p. 118-129, 2019.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.